

O PARANÁ NA HISTÓRIA DA MINERAÇÃO NO BRASIL DO SÉCULO XVII

PARANÁ'S MEANING IN THE XVIITH CENTURY BRAZILIAN MINING HISTORY

Antonio Liccardo¹
Arnoldo Sobanski II²
Nelson Luiz Chodur³

RESUMO

Enquanto na América Espanhola os conquistadores já encontraram ouro quando chegaram, no Brasil os minérios não foram encontrados imediatamente. Os primeiros registros, em torno de 1570, apontam a região de Paranaguá, Guaraqueçaba e Cananéia, na capitania de São Vicente, como as primeiras minas cartografadas no novo território português. Até a descoberta dos garimpos de Vila Rica em Minas Gerais, em torno de 1680, a produção de ouro, que nunca chegou a ser grande, foi totalmente concentrada na Capitania de São Vicente, no território que hoje é o Paraná. Muitas vilas e cidades devem sua fundação aos eventos de mineração dessa época. Com o início do ciclo do ouro em Minas Gerais, uma forte migração aconteceu, deslocando grandes contingentes da população e relegando a região do Paraná ao abandono. Apesar das graves consequências sociais e econômicas dessa mudança, é possível traçar a relevância da atividade mineradora para o Paraná durante o século XVII. A presença dos garimpeiros como catalisadores de povoamento e domínio territorial é ressaltada. Além disso, sua capacidade de prospecção de minérios abriu caminho para futuras minerações sistemáticas. A experiência de aprendizagem de quase um século fez do Paraná uma espécie de protótipo para que se desenvolvesse a tecnologia necessária a se aplicar em outras regiões.

Palavras-chave: história da mineração, Paraná, garimpos, ouro.

1 Instituto de Ciências da Terra e do Mar - Av. Leitão da Silva, 180 – Vitória, Espírito Santo, Brasil CEP 29.052-110

2 Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Cx. Postal 15.001, CEP 91.540-000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

3 Departamento de Geologia, Universidade Federal do Paraná, Centro Politécnico, Cx. Postal 19001, CEP 81.531-990, Curitiba, Paraná, Brasil
liccardo@ambienteimagem.com.br – sobanski@via-rs.net – chodur@ufpr.br

EXTENDED ABSTRACT

Differently from Hispanic America, where conquerors found gold as they arrived, in Brazil the first signs of alluvial occurrences only appeared in Paranaguá, Guaraqueçaba and Cananéia, in the Captainty of São Vicente in the 1570s. Until new placers settled in Vila Rica, Minas Gerais in 1680, the reduced gold production in the Portuguese America was restricted to the territory that now corresponds to the State of Paraná, where a number of villages and towns spread around mining nuclei. By the beginning of the 18th Century, the migration flow of adventurers and prospectors had already shifted to the hinterlands of Minas Gerais and Goiás, where production was more intense. The former 17th Century represented a cycle of prosperity in Paraná, and gold exploitation was exclusively alluvial. The main nuclei of pioneers, at first Paranaguá, Guaraqueçaba, and later Morretes, Porto de Cima and São João da Graciosa, seem to have been settled by hunters of slaves in their dreams of fast enrichment. Other nuclei were present westward over Serra do Mar Range, namely São José dos Pinhais, Curitiba, Ferraria, Bateias and Ouro Fino. Exploitation was in almost all cases related to secondary deposits. It was in Bateias and Ferraria that exploitation from outcropping quartz veins began. There, mining works such as reject piles underwent tailing production much later in the 20th Century. Placering seems to have never been totally abandoned, as occasional miners are still found in Guaraqueçaba and in the surroundings of Paranaguá. In spite of the discontinuing shock, the relevance of that period cannot be minimised, for the search for metals and enrichment brought about the progress seed to the mining areas as the presence of miners catalysed land occupation. In some cases, indicators left by the first prospectors were later incorporated into the systematic work of mining companies. Of no lesser importance is the fact that the experience gained by pioneers was important for the discovery and exploitation of new resources in Minas Gerais and Goiás. It took them a century of experience to develop the prospection technology necessary.

Key-words: history of mining, Paraná, placers, placering gold

INTRODUÇÃO

Nos primórdios da história do Brasil, quando tudo havia por se descobrir em uma terra totalmente desconhecida, o início do desbravamento, com as entradas e bandeiras, fez florescer a busca por minérios preciosos (Martins 1907; Martins & Brito 1992). Enquanto na América Espanhola os conquistadores já tinham encontrado ouro e prata quando chegaram (principalmente México e Peru), na América Portuguesa estranhava-se a total ausência desses metais.

Em 1532, o rei D. João III decidiu empregar em seu território no Novo Mundo o sistema de divisão em Capitãncias Hereditárias. Todo o litoral brasileiro foi repartido em 14 capitãncias que foram doadas a figuras importantes da corte, que deveriam ser responsáveis pela colonização. Entre elas estava a Capitãncia de São Vicente, abrangendo 45 léguas de litoral, desde Bertioga até a Ilha do Mel (Bueno 1997). Essa terra pertencia a Martim Afonso de Souza e nela surgiram as primeiras notícias sobre extração de minerais na então *Terra Brasilis*, ao final do século XVI, e se referem à descoberta de ouro na região do atual estado do Paraná (Martins 1907).

Esse período é, em geral, pouco discutido entre historiadores, pois o verdadeiro Ciclo do Ouro só aconteceria no Brasil em 1690, com a descoberta das "Minas Gerais". Não se pode precisar o ano em que se iniciou o povoamento efetivo do litoral sul e do planalto

correspondente, mas, em ambos, foi sem dúvida a lavoura do ouro a origem de suas primeiras povoações: Paranaguá e Curitiba. Tais fatos ocorreram quase no fim do século XVI. Nessa época, não se tinha iniciado em parte alguma do Brasil o ciclo da mineração propriamente dito. Eschwege (1833) cita um documento da Câmara de São Paulo, que menciona a Serra de Jaraguá (atual estado de São Paulo) como sendo a primeira descoberta de ouro no Brasil. Para Martins (1907) "... todos viam ou supunham ver ouro, no século XVII... o que se sabe é que se explorou e se fundiu ferro (em Jaraguá)."

Carneiro (1962) afirma que exploradores infiltrando-se ao sul de Cananéia chegaram a Paranaguá encontrando pedaços de ouro nas mãos de índios. Esse metal foi negociado e a amostra remetida imediatamente à corte em 1580. Diversos historiadores referem-se à extração de ouro em Paranaguá em datas anteriores a 1640. Outros como Negrão (1920) e Martins (1907) são da opinião de que se esse fato se deu, as explorações só poderiam ser realizadas por aventureiros errantes. Assim, para eles, 1640 (data em que Gabriel de Lara fundara a vila de Paranaguá) é o ano de início da extração. Maack (1968) acrescenta que, quando esse povoador chegou a Paranaguá, os portugueses já estavam radicados há 100 anos na Ilha de Cottinga.

Os primeiros indícios, no entanto, geraram um fluxo de pessoas em busca de fortuna fácil, que Eschwege (1833) classificou como multidão aurisedenta, e que acabou por desenvolver as primeiras vilas na re-



Figura 2: Detalhe do mapa geográfico da região de Paranaguá de 1653, confirmando a existência das minas de ouro já cartografadas nesse período (autor anônimo – Museu Ultramarino de Lisboa). *Detail of the geographic map of Paranaguá region in 1653, confirming the existence of gold mines registered at that period (anonymous author – Museu Ultramarino de Lisboa).*



Figura 3: Mapa geográfico de 1666 indicando as regiões de Paranaguá e Cananéia, com as lavras em seus arredores (Albernas, 1666 in Soares & Lana 1994). *Geographic map of 1666 showing the Paranaguá and Cananéia regions and the mines around (Albernas, 1666 in Soares & Lana 1994).*

caso, dentre outros, das localidades de Bateias e Ouro Fino, cujos nomes expressam imediatamente a importância desse período nessa região.

O Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, guarda um dos mais antigos documentos cartográficos referentes à Baía de Paranaguá. Sua confecção remonta ao ano de 1653 e nesse mapa já constavam as principais minas de ouro da região (figura 2). Soares & Lana (1994) também publicaram uma coletânea de mapas, incluindo detalhes da Baía de Paranaguá citando as lavras existentes no ano de 1666 (figura 3). Essas estão entre as primeiras referências documentadas e comprovadas de extração mineral no Brasil.

A exploração dessas jazidas trazia grande interesse à coroa portuguesa, já que até o final do século XVII não se tinha notícia de ocorrências minerais efetivamente econômicas no Brasil. Esse período foi histórica e culturalmente marcante no Brasil - principalmente no estado do Paraná - e o final dele define inclusive as mudanças de rumo na economia local. Durante um século, todas as expectativas de produção mineral no Brasil concentraram-se nas “minas” de São Vicente, principalmente nos arredores de Paranaguá e Curitiba.

O CICLO DO OURO NO PARANÁ

Frei Vicente do Salvador em seu livro quarto da História do Brasil, escrito em 1583, comenta no capítulo 34:

“Muitos anos havia que voava a fama de haver minas de ouro, e de outros metais na terra da capitania de São Vicente, que el-rei d. João o Terceiro doou a Martim Afonso de Souza, e já por algumas partes voava com asas douradas, e havia mostras de ouro; o que visto pelo governador d. Francisco de Souza, avisou a Sua Majestade oferecendo-se para esta empresa, e ele lha encarregou...”

Por 200 anos, mais do que uma obsessão, o ouro – ou a ausência dele – fora uma maldição para os portugueses que viviam no Brasil. Mas foi a ilusão do ouro que fundou o Paraná. Embora desencadeador do ciclo do ouro brasileiro, o Paraná pouco contribuiu para abarrotar as burras da casa real lusitana (ou inglesa? O Tratado de Methuen, assinado em 1703, fez com que o minério brasileiro fosse parar diretamente na Inglaterra e financiasse toda a revolução industrial – Bueno 1997) com o dito precioso metal.

Os historiadores são unânimes:

o ouro no Paraná, de mina ou de aluvião (sic), deu-se a achar esparsa e modestamente no litoral e arredores de Curitiba. Provocou no entanto aventuras e trágicas expedições, nunca de todo satisfeitas com a

baixa rentabilidade final. Os lusitanos ficaram a arrancar o litoral e, por volta de 1570, coincidindo com a passagem de Portugal e colônias para o domínio espanhol, gente de Cananéia, pesquisando os leitos dos rios que desembocam na baía de Paranaguá, encontram ouro de aluvião. (Martins 1907)

Como consequência, Francisco de Souza, governador da colônia, surge em Paranaguá (1603) com o primeiro regulamento de extração de ouro para o Brasil em mãos, e com a manifesta intenção de embolsar os 30 mil cruzados de renda que, segundo prescrição, cabia aos marqueses inspetores de minas. Na descrição de Pires (1902):

... lhe foram consignados os seguintes auxiliares: um procurador, um tesoureiro, dois mineiros de prata, um mineiro de ouro de bête, um ensaiador, um mineiro de pérola, um mineiro de esmeralda, um mineiro de salitre e dois mineiros de ferro.

De Paranaguá, Gabriel de Lara subira ao planalto, à cata do ouro (1648), que dizem lavrou no chamado Arraial de Cima e fundou a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais que veio a ser Curitiba, em 1654. Martins (1907) aponta os vales do Ribeira, Iguape e Cubatão como principais zonas de penetração de mineradores e pesquisadores no caminho para o planalto. Em 1670, aconteceu a instalação da Real Casa de Fundição em Paranaguá (Ferreira 1954).

A freqüente descoberta de ouro de aluvião nos ribeirões do litoral, da Serra do Mar e primeiro planalto mantém a ilusão e, por quase dois séculos, o Paraná faisca ouro sempre na esperança que no próximo morro se revele o filão. Como nunca se descobre o veio, na metade do século XVIII declara-se livre a mineração nas catas e faisqueiras, isentando-as de qualquer imposto. Na descrição de Antonil (1711):

... muito mais e por muitos anos se continuou a tirar ouro em Paranaguá e Curitiba, primeiro por oitavas e depois por libras, que chegaram a alguma arroba, posto que com muito trabalho para ajuntar, sendo o rendimento de catar limitado (1 oitava = 3,584g; 1 libra = 453g ; 1 arroba = 14,688g).

Uma possível justificativa para a dificuldade de se encontrar minérios nesse período seria a falta de conhecimentos em mineração, o que culminou no envio, pela coroa portuguesa, em 1679, de Dom Rodrigo de Castel Branco, conhecedor das técnicas de prospecção e mineração e que tinha a incumbência de melhorar esse quadro (Martins 1907). Em 1680, Castel Branco achava-se examinando as “Minas da Campina

de Botiatuva”, próximo ao rio Passaúna, tendo nesse mesmo ano examinado as “Minas do Itambé” (Negrão 1920). Mais tarde esse técnico foi morto pelo bandeirante Manuel da Borba Gato, genro de Fernão Dias. Portugueses e paulistas que se dedicaram à extração do ouro não conheciam as técnicas da lavra dos aluviões. Eles se limitavam a lavar o cascalho em bacias de estanho, com grandes perdas e baixa produção.

AS MINAS E VESTÍGIOS

Paranaguá figurou em primeiro lugar nas esperanças de sucesso entre as regiões onde primeiro foram descobertos vestígios de minas de ouro. No interior, a cata do ouro atingiu principalmente a vasta região do Assungui, Jaguariaíva e Tibagi e do planalto de Curitiba. Romário Martins (1907) fala em “... longas explorações das famosas lavras de Itaimbé (Assungui), por ventura início da caça ao ouro no Brasil”. Ainda são mencionadas lavras em Arraial Grande (São José dos Pinhais), Campo Largo (sítio denominado Fazendinha que preserva vestígios de exploração de ouro em veios de quartzo), Catanduvas, Canguiri, Uvaraporanga e Purunã. As históricas lavras de Cachoeira, do Ribeirão e de Nossa Senhora da Conceição foram exploradas até o começo do século XVIII (Linhares 1953).

Ferreira (1954) menciona ainda mineração de ouro em Peruna, Iguape, Cananéia (atualmente estado de São Paulo) e nos sertões do Ribeira e Assungui (compreendendo o sertão das furnas e os Campos de Curitiba, Nhundiaquara (em 1653, onze jazidas) e em todo o litoral, do Iguape ao São Francisco. Wachowicz (1988) cita, no litoral, as minas do Pantanal e Panajóias como sendo as mais produtivas e ainda menciona como também importantes as minas de Limoeiro, Marumbi, Uvaparanduva, Tagaçaba e Serra Negra. No Planalto de Curitiba a extração se destacou nas minas do Arraial Queimado (atual Bocaiúva do Sul), Botiatuva, Purunã, Atuba, Vilinha e Canguiri. Carneiro (1962) cita, além dessas, as minas de Pau Vermelho, Carioca, Guarumbi, Nandira, Ariraia e Itapitangui. Ao todo, para esse autor, foram 21 jazidas, desde os rios Nhundiaquara, Tagaçaba, Faisqueira e Pinto e galgando rios da Serra Negra até a região do Açungui.

Apesar da extração ter sido, em quase todos os casos, em depósitos secundários, em Bateias e Ferraria (próximo a Curitiba) iniciou-se a primeira exploração superficial de ouro em filões de quartzo. As minerações nessas localidades mantêm resquícios dessa época, como cavas antigas e velhos depósitos de rejeito que tiveram, muito tempo depois, um reavivamento de sua produção (a empresa Leão Júnior explorou, a

partir de 1932, as jazidas de Ferraria e Ribeirão do Ouro, em veios de quartzo com piritas auríferas – Fróes Abreu 1972). Em alguns desses antigos depósitos a garimpagem possivelmente nunca tenha sido totalmente abandonada, pois em Guaraqueçaba e arredores de Paranaguá ainda hoje se encontram garimpeiros ocasionais (Sobanski II et al. 2000; Chodur et al. 2002).

Entre 1982 e 1986 os depósitos aluvionares da região de Morretes foram objeto de avaliação econômica pela Mineropar, justificada pela garimpagem esporádica na região desde o século XVI até o presente. Mesmo sem a existência de dados oficiais sobre produção, algumas empresas lavraram esses aluviões por muito tempo, como a empresa Cerro do Ouro que explotou, de forma esporádica, os depósitos do Rio Sapetanduva e Rio do Pinto em Morretes durante 7 anos. Os resultados dessa avaliação não foram favoráveis, indicando que os depósitos são subeconômicos (Salazar Jr. 1988).

Na opinião de Carneiro (1962) não se pode dizer que a mineração do ouro no Paraná, em fins do século XVII, não tivesse algum vulto. Como atividade econômica comportava pouco a carga dos impostos, o quinto, somado ao dízimo, à capitação, aos chapins da rainha e mais ao subsídio voluntário, instituído em 1755 para reconstrução de Lisboa. “As minas continuaram em ativa, mas era pouco remuneradora a produção, pelo menos para a fazenda real”. Entretanto foram suficientes para lançar as raízes das povoações mais antigas da região.

Balhana et al. (1969) mencionam indícios de que já em 1659 se reconhecia que essas minas não correspondiam às expectativas do governo. Negrão (1920) cita que as maiores quantias de ouro em mãos de particulares de que se tiveram notícias são:

O Capitão Antonio da Veiga em 1719 prometeu mil oitavas de ouro ao seu genro como dote nupcial de sua filha e, consta ainda, que o guarda-mor Francisco Martins Lustoza pagou a Lourenço Ribeiro Brito a quantia de 3000 $\frac{1}{4}$ oitavas de ouro entre 1772 e 1744, conforme recibos transcritos no tabelionato de Curitiba.

Boxer (1952) diz ter “provas independentes” de que Pedro de Souza Pereira mandou a Portugal uma quantia substancial de ouro aluvionar proveniente dos quintos reais, pela frota de Francisco Brito Freyre em 1654 e com a frota de Pedro Jacques de Magalhães, em 1657. Não existem estatísticas precisas da produção de ouro dos primeiros tempos. A Casa dos Quintos em Paranaguá foi extinta em 1735, com uma carga final de 2518 $\frac{1}{4}$ oitavas (Negrão 1920).

ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Prieto (1968) analisando a conjuntura do continente sul-americano no século XVII defende o argumento de que sem os centros mineradores que produziam riqueza e atraíam grande número de povoadores, o assentamento nas novas áreas seria extremamente difícil. Certamente o subdesenvolvimento das áreas interiores dos países sul-americanos se explica por isso. A implantação de uma economia inicialmente de extrativismo vegetal e agricultura (cana-de-açúcar) no Brasil, diferenciou-o do resto dos países da América do Sul. O contraste entre Américas Portuguesa e Espanhola é interessante, pois nessa época a Espanha expandia seus domínios até os desertos do norte do México, pela escarpada e pela difícil região dos Andes em busca dos preciosos minérios. As cidades criadas pelo domínio espanhol em função dos bens minerais mostravam maior desenvolvimento e riqueza que as outras cidades da América, principalmente no lado português. Nesse período os espanhóis já exploravam a prata de Potosí (Bolívia), sendo essa a atividade mais importante da colônia espanhola. Por outro lado, os portugueses mantinham somente entrepostos comerciais simples no litoral, extrativismo vegetal, plantio de cana-de-açúcar, além da atividade de caça aos índios.

Os bandeirantes tiveram o mérito de permitir o conhecimento do território, mas não tiveram nenhum assentamento ou centros permanentes para uma economia objetiva. Essa permanência só aconteceu com o processo de garimpagem e posteriormente agricultura e pecuária. Nos fins do século XVI a grande maioria dos primeiros colonizadores eram errantes, aventureiros ou judeus convertidos que fugiam da Inquisição (Prieto 1968). Apesar das conseqüências sociais (e hoje, também ambientais) nas regiões onde garimpeiros se concentraram, deve-se a essas pessoas, além da conquista de territórios e povoamento de terras distantes e inóspitas, a prospecção inicial de minérios produzidos ainda hoje. Historicamente os governantes se beneficiaram da atividade garimpeira, como ponta-de-lança em seus domínios territoriais e como células embrionárias de povoadamentos, por isso a relevância de estudos históricos e geopolíticos nesse sentido. Exemplo mais recente foi o Garimpo de Serra Pelada, na região norte do Brasil, nos anos 1970/80.

Mesmo com as grandes migrações ocorridas com a febre do ouro no século XVIII, o fato é que as sementes de povoamento já estavam plantadas no território paranaense e que isto só ocorreu em função da mineração. Mesmo nas novas descobertas dos territórios no Norte, havia a experiência adquirida nas minas de

Paranaguá e outras. Antonil (1711) assim descreve a descoberta do ouro em Minas Gerais:

... e o primeiro descobridor dizem que foi um mulato, que havia estado nas minas de Paranaguá e Curitiba. Esse, indo pela selva com uns paulistas em busca de índios e chegando ao cerro Tripuí, desceu para apañar água no riacho que hoje se chama Ouro Preto; metendo as cabaças no riacho, viu que ele arrastava granitos de cor diferente, que examinados revelaram ser ouro finíssimo.

Para Linhares (1953) a ilusão das minas de ouro no Paraná teve duração efêmera, o que de certo modo determinou conseqüências mais estáveis à região muito posteriormente. O Paraná não chegou sequer a “produzir nenhum herói” no século XVII, segundo esse autor. Para Nash (in Linhares, 1953) o descobrimento de ouro no Brasil nessa época significou a maior de todas as calamidades, vendo nesse fato a razão principal do rumo diverso tomado pelo desenvolvimento de nosso país em relação aos Estados Unidos:

Conseqüências sociais foram as mais nefastas, traduzidas em falta de solidariedade humana, no abandono da economia do açúcar, na desarticulação de toda uma estrutura formada aos poucos e já enraizada na vida brasileira de uma vasta região. Forçoso é reconhecer ainda que a mineração gerou atraso, dificuldades novas, antinomias inexplicáveis e tensões agudas, que muito custamos a superar para exigir esforços sempre renovados.

Linhares (1953) conclui que o principal resultado colhido pela região com o fim desse ciclo foi um compromisso difícil de ser aprendido entre continuidade e descontinuidade. Sendo assim, foi “sem importância a mineração”.

Juntamente com a caça do ouro iniciaram-se as primeiras vindas de gado bovino para a região, abrindo caminho para o ciclo dos tropeiros várias décadas depois. Como principal decorrência do ciclo do ouro no Paraná houve o povoamento inicial da região e a conquista definitiva desse território. Durante o ciclo surgira uma pequena agricultura abastecedora dos arraiais e vilas, de todo dedicados à mineração do ouro. Quando se esgotou esse metal, a ocupação do território permaneceu baseada numa agricultura de subsistência (Malgalhães Filho in Ferreira 1954).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ansiedade por se encontrar minas de metais preciosos nos dois primeiros séculos de existência oficial

do Brasil desencadeou os primeiros movimentos de ocupação territorial. O misticismo do tesouro escondido era muito forte. Trazia-o nas suas lendas, expressões como Minas de Prata, Lagoa Dourada e a Serra das Esmeraldas. Essa benfazeja credulidade empurrou a colonização para o sul e para o ocidente (Calmon 1958). No Paraná, a importância desse período fica registrada inclusive no imaginário popular, gerando muitas lendas e mitos em torno do ouro e dos “enterrados” dos jesuítas, memória essa até hoje presente na região do litoral e planalto.

O século XVII caracterizou-se no Paraná como um ciclo de prosperidade baseado exclusivamente na obtenção do ouro aluvionar. Os principais núcleos de povoamento surgidos nessa época devem sua origem à mão-de-obra farta (índios escravizados) e possibilidade de enriquecimento fácil. A busca iniciou-se em Paranaguá e Guaraqueçaba e depois se alastrou por morretes, Porto de Cima e São João da Graciosa. Depois pela Serra do Mar, São José dos Pinhais, Curitiba (capital do estado), Ferraria, Bateias e Ouro Fino. A região do Açungui e Tibagi, rumando para Sorocaba, constituiu o caminho natural da busca pelo ouro.

Carneiro (1962) salienta que o fasma (ou surto) do ouro ocorrido no Paraná determina o conhecimento das três gargantas históricas da Serra do Mar, ligando Paranaguá ao Planalto: a do Itupava, aberta por Afonso Botelho, a do Arraial Grande, traçada pelo empirismo dos mineradores e a da Graciosa, que deve ter sido pré-cabraliana e tem ligado ao seu uso os mais respeitáveis nomes da história local, como Diogo Pinto, Carlos Cavalcanti e Monteiro Tourinho. Martins (1907) acrescenta que o ouro esgotou-se e empobreceu o conquistador, mas o índio domesticou-se e do seu convívio com brancos surgiram lares mistos e tal entrosamento ocorreu também entre os habitantes do planalto e do litoral.

A região correspondente ao atual estado do Paraná, florescente nessa época, mergulhou no esquecimento ao final do século, uma vez que a descoberta do ouro em quantidades maiores em Vila Rica (Minas Gerais) e em seguida Cuiabá e Goiás deslocou o foco da febre do ouro. Esse fato movimentou grandes contingentes da população e condenou os povoados do Paraná ao abandono por várias décadas até um novo ciclo econômico, com a vinda dos tropeiros.

Apesar do choque da descontinuidade, a relevância desse período não pode ser minimizada em virtude de sua função de desbravamento e domínio do território. A busca do minério e do “enriquecimento fácil” trouxe em seu bojo a semente do progresso nas regiões de mineração. Como disse Capistrano de Abreu (1913): “Mais que as libras e oitavas, importam porém o gosto pelas pesquisas auríferas assim mantido e a prática do ouro de lavagem. Essa familiaridade influiu de maneira benéfica sobre o desenvolvimento ulterior da mineração.” O próprio fato da presença de autoridades oficiais nas regiões das minas então descobertas contribuiu para despertar o interesse por esse novo gênero de atividade econômica sertanista e Iguape e Paranaguá se tornaram as povoações mais florescentes da costa, enquanto não foram descobertos os ricos aluviões de Minas Gerais (Euzébio de Oliveira in Martins 1907).

Evidencia-se, assim, o papel dos primeiros “faiscadores” de ouro na prospecção desse metal, tanto como agentes povoadores e instaladores de uma nova economia, quanto no desenvolvimento de tecnologia de extração, revelando a importância cultural e social desse período que antecede as descobertas em Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. 1913. *Capítulos de História Colonial*. Publifolha e Itatiaia, 7. ed. 280 p.
- ANTONIL A. J. 1711. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia e Ed. da Universidade de São Paulo. Edição 1982, 221 p.
- BALHANA, A. P. & MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. 1969. *História do Paraná*. Curitiba, Graficar, 277 p.
- BOXER, C.R. 1952. Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola, 1602-1608. *University of London*, p. 302.
- BUENO, E. 1997. *História do Brasil*. São Paulo, Publifolha, 320 p.
- CALMON, P. 1958. *História da civilização brasileira*. 6. ed. São Paulo, Editora Nacional, 336 p.
- CARNEIRO, D. 1962. *Fasmas estruturais da economia do Paraná*. Curitiba, Ed. UFPR, 178 p.
- CHODUR, N. L. & LICCARDO, A. & SOBANSKI II, A. 2002. Mineração de ouro no Paraná – Relevância Histórica. In: Congresso Brasileiro de Geologia, 41. *Anais, SBG*, João Pessoa, p. 211.
- ESCHWEGE, W.L. 1833. *Pluto Brasiliensis*. São Paulo, Editora Nacional, v. 257, 207p. (Série Brasileira).
- FERREIRA, J.C.V. 1954. *O Paraná e seus municípios*. 19 ed. Maringá, Memória Brasileira, 728 p.

- FRÓES ABREU, S. 1972. *Recursos minerais do Brasil*. 2 ed. São Paulo, Edgar Blucher e Ed.USP, 754 p.
- LINHARES, T. 1953. *Paraná vivo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 360 p.
- MAACK, R. 1963. Notas para a História, Geologia e Geografia de Paranaguá. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba, **8**(1-3):8-22.
- MAACK, R. 1968. *Geografia Física do Paraná*. Curitiba, BADEP, UFPR, IBPT, 450 p.
- MARTINS, R. 1907. *História do Paraná*. São Paulo, Ed. Rumo, 538 p.
- MARTINS, R.B. & BRITO, O.E.A. 1992. *História da mineração no Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Independente, 180 p.
- NEGRÃO, F. 1920. *As minas de ouro da Capitania de Paranaguá (1640 – 1649)*. Paranaguá, Ed Oitiberê, 56 p.
- PIRES, A.O.S. 1902. A mineração e riquezas minerais. *Livro do centenário 1500-1900*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 163 p.
- PRIETO, C. 1968. La minería en el Nuevo Mundo. *Revista de Occidente*, Madrid, 350 p.
- SALAZAR JR., O. 1992. A geologia e os depósitos de ouro primário na região de Morretes (PR). Instituto de Geociências, Universidade de Brasília, Brasília, UNB, Dissertação de Mestrado.
- SALVADOR, V. 1583. *História do Brasil*. Biblioteca Nacional, Arquivos digitais.
- SOARES, C.R. & LANA P.C. 1994. *Baía de Paranaguá – Mapas e histórias*. Curitiba, Ed. UFPR, 17 p.
- SOBANSKI II, A. & LICCARDO, A. & CHODUR, N.L. 2000. Aspectos históricos da mineração no Paraná e sua importância na história do Brasil. In: Congresso de Humanidades – Diálogo entre Saberes, 1, Curitiba, *Boletim de resumos*, p. 65.
- WACHOWICZ, R.C. 1988. *A história do Paraná*. Curitiba, Vicentina, p. 30-39.

Recebido em 30 jan. 2003
Aceito em 05 maio 2004